



---

## RELATO EVANGÉLICO E SENTIDO DA FAMÍLIA

*The Gospel Story and the Meaning of the Family*

Ignacio Antonio Madera Vargas, SDS \*

**RESUMO:** Alguns dos relatos sobre a relação de Jesus com a sua família nos possibilitam considerar o sentido que podemos encontrar nos mesmos para uma compreensão teológica que aponte para o sentido da experiência das relações no interior da mesma. Tanto o casal como a família constituem uma realidade que, interpretada à luz da experiência de fé que os evangelistas nos oferecem como a Boa Nova do Reino, orientam-se em direção a uma relação a se viver à imagem da comunhão trinitária.

A liberdade e a capacidade de crescer em adultícia como sabedoria e graça caracterizam os relatos os quais nos apresentam Jesus e sua família ou familiares. Uma visão de Jesus de Nazaré que o apresenta não afetado pelos traumas e as limitações, que provoca a relação no interior das famílias, em qualquer um de nós, eco da visão que os relatos nos oferecem dEle à luz da ressurreição.

Este artigo é resultado das investigações do Projeto Significado da linguagem teológica do Grupo de Investigação Teologia e Mundo Contemporâneo da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Javeriana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Liberdade, Idade adulta, Família, Pai, Trindade.

**ABSTRACT:** Some of the tales about the relationship of Jesus to his family allow us enter to consider the sense that we can find in them for a theological understanding that indicate the meaning of the experience of relations to the interior of the family. Both the couple and the family constitute a reality which, interpreted in the light of the experience of faith that the evangelists offer us as the good

---

\* Professor da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Javeriana, Bogotá (Colômbia). Artigo submetido a avaliação em 04.02.2015 e aprovado para publicação em 27.02.2015.

news of the Kingdom, directed towards a relationship to living in the image of the Trinitarian communion.

Freedom and the ability to grow in adulthood as wisdom and grace characterize the stories in which presents itself to Jesus and his family or relatives. A view of Jesus from Nazareth which presents it not affected by trauma and limitations that causes the relationship to the interior of the families at any one of us, echo of the vision that the stories offer us in the light of the resurrection.

This article is the result of investigations of the significance of theological language Project Research Group and the Contemporary World Theology Faculty of Theology at the Pontificia Universidad Javeriana.

**KEYWORDS:** Freedom, Adulthood, Family, Father, Trinity.

## 1 Introdução

São muitas as análises e as exposições em relação às situações que vive a família hoje<sup>1</sup>, os fenômenos que a condicionam e as diversas expressões da mesma; por isso decidi não continuar pensando sobre o mesmo, senão que proponho fazer uma leitura do sentido da família hoje, a partir de uma leitura de alguns relatos evangélicos, tais quais se apresentam. Evidentemente que minha reflexão se orienta a partir de uma compreensão da família nuclear como o modo que foi compreendido como ideal de família cristã: pai, mãe e filhos<sup>2</sup>. Esta opção não implica necessariamente uma negação dos diversos modos de viver a experiência de família nas culturas contemporâneas, ao contrário, tudo o que vou refletir sobre a família é aplicável às diversas realidades que elas vivem nesta época de mudanças e novos paradigmas na relação de casais e nas expressões da vida familiar.

Aproximar-me-ei de alguns relatos dos Evangelhos Sinóticos interpretando-os tais quais estão escritos. Uma leitura assim mais próxima à leitura narrativa como se apresenta nos textos<sup>3</sup> e do modo como alguns vêm

---

<sup>1</sup> Os documentos preparatórios do Sínodo da Família são uma expressão clara destes resultados. O Concílio Vaticano II aponta os fenômenos atuais que obscurecem a dignidade da família, *Gaudium et Spes*, 47. Em relação à sociologia da família é de interesse: Raul Wilfried, <<François de Singly, *Sociologie de la famille contemporaine*. Armand Colin, Paris, 2007, 128 páginas>>, *Travail, genre et sociétés*, 1/2010, n. 23, p. 240-243

<sup>2</sup> “A íntima comunidade de vida e amor conjugal, fundada pelo criador e dotada de leis próprias, se estabelece com a aliança do matrimônio, quer dizer, com um consentimento pessoal e irrevogável. Assim, pelo ato humano com que os cônjuges se entregam e se aceitam mutuamente, nasce uma instituição estável por ordem divina, também diante da sociedade”: *Gaudium et Spes*, 48.

<sup>3</sup> A narrativa se desenvolve nos autores contemporâneos: Cf. SKA, Jean Louis; SONNET, Jean-Pierre; WENIN, André. L’Analyse narrative des récits de l’Ancien Testament. *Cahiers Évangile*, Service Biblique Évangile et Vie, Paris, n. 107, mar. 1999.

denominando leitura literal<sup>4</sup>. O que não se pode nem se deve confundir com uma leitura literalista que pretenda historiar os relatos, mas como uma perspectiva de busca do sentido dos textos no que eles dizem ao leitor deste tempo. Já o intuía Pio XII quando na *Divino Afflante Spiritu* afirma: “Para o desempenho desta obra tenham ante os olhos os intérpretes que, como a coisa principal de todas, hão de procurar distinguir bem e determinar qual é o sentido literal das palavras bíblicas” (PIO XII, *Afflante Spiritu* 15). E para maior exatidão continua dizendo: “Procurem-no (os intérpretes) pois com toda a diligência, valendo-se da ciência das línguas, do exame do contexto, da comparação com passos semelhantes; coisas todas de que se costuma tirar partido na interpretação dos escritores profanos, para tirar a limpo o pensamento do autor” (PIO XII, *ibid.*). Esta perspectiva, portanto, situa-se na busca dos significados implícitos que hoje podem iluminar a experiência humana da vida do casal e da vida familiar.

Tratando-se da nossa tradição católica, parece-me difícil dissociar a interpretação da família da experiência de casal e seu sentido teológico. “O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, e dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela ação salvadora da Igreja, para que, assim, os esposos caminhem eficazmente para Deus e sejam ajudados e fortalecidos na sua missão sublime de pai e mãe” (GS 48). A partir daí é que em determinadas ocasiões me referirei a estas duas realidades que para sua interpretação podem ser separáveis, porém, realmente constituem uma unidade significativa: um casal constitui uma família e suas relações afetam diretamente a vida da família. Pode ser outra a perspectiva que assumem alguns sociólogos da família como instituição, sobretudo neste tempo com a reivindicação que a mulher realizou a partir de seu papel na relação de gênero e as considerações da família como estrutura parental ou como estrutura relacional (WILFRIED, 2007).

## ***2 Jesus e a relação adulta na família***

Os Evangelhos nos apresentam Jesus adulto<sup>5</sup>. Todas as implicações que a relação paterna e materna supõem para qualquer um de nós, são silenciadas pelos evangelistas, para oferecer a nós um Jesus que não parece afetado pela relação com seus pais, mas inserido numa dinâmica relacional com eles que supera as dependências no desenvolvimento da personalidade desde a infância e da adolescência até a idade adulta. Este fato nos leva a

---

<sup>4</sup> As análises que se fazem a respeito pelos biblistas de Salamanca como R. Aguirre, C. Bernabé, entre outros.

<sup>5</sup> A este propósito um sugestivo artigo de Antoine Vergote em *Jésus Christ, Fils de Dieu*, Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelles: Volumen 18 de Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelles, 1981.

uma reflexão teológica sugestiva: o Filho do Pai nos mostra a possibilidade de assumir de outro modo as dependências e os condicionamentos que a relação com pai e mãe podem provocar no desenvolvimento de nossa personalidade, fator que foi estudado suficientemente pela psicologia dos últimos tempos.<sup>6</sup>

A relação com o pai e a mãe tem a ver com a busca de autonomia, de exercício da liberdade de filhos e filhas de Deus que não se limita a processos do tipo inconsciente senão que incita o ser humano, homem ou mulher, a tomar em suas mãos o próprio eu no devir do desenvolvimento de sua personalidade e suas potencialidades de ser si mesmo, si mesma<sup>7</sup>. Isto suposto, podem me objetar que a psicanálise mostrou todo o complexo que é o desenvolvimento do processo de dependências paternas e maternas, os diversos complexos que se vivem do tipo oral, anal ou fálico<sup>8</sup>, amém! Porém de acordo com a minha compreensão, o que o relato bíblico da infância destaca é a realidade de um Jesus livre destes condicionamentos para apontar, de acordo com meu parecer, que nenhum mecanismo, nenhum processo, nenhuma realidade inconsciente pode determinar de tal maneira o sujeito que não exista a possibilidade de viver, em certa medida, sua liberdade e se assumir, até certo ponto, em suas possibilidades de determinação e desenvolvimento.

É evidente que nós, com os dados que nos oferecem os relatos neotestamentários e muito menos com os dos relatos da infância, não podemos aceder à psicologia de Jesus, a seus mecanismos de desenvolvimento evolutivo. O que estou propondo é fundamentalmente que, mais além de toda psicologia, a personalidade que apontam os evangelistas, ultrapassa as possibilidades do humano e os seres humanos somos convidados e convidadas, nas relações ao interior da família, a buscar um referencial que nos possibilite manejar os mecanismos de dependência e sujeição que nos impeçam de nos desenvolvermos como autônomos e capazes de controlar, de alguma maneira, os fatores que nos gerem complexos e dependências<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Ocupam-se preferencialmente as psicologias evolutivas ou do desenvolvimento que têm como expoentes principais o psicólogo dos Estados Unidos de origem alemã Erik Erikson, o austríaco Sigmund Freud, o russo Lev Vygostski e o francês Jean Piaget, entre outros.

<sup>7</sup> “Os filhos sejam educados de tal modo que, chegados à idade adulta, sejam capazes de seguir com inteira responsabilidade a sua vocação, incluindo a sagrada, e escolher um estado de vida no qual, se vierem a se casar, possam constituir uma família própria, em condições morais, sociais e econômicas favoráveis”. *Gaudium et Spes*, 52.

<sup>8</sup> Sigmund Freud apresenta em *Totem e Tabu* a universalidade do complexo de Édipo, referente à complexidade de sentimentos amorosos e hostis em relação aos pais no desenvolvimento do menino e da menina. Cf. *Totem und Tabu: Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker*, Hugo Beller, Leipzig um Wien I, 1913.

<sup>9</sup> A propósito dos relatos da infância, John Meier dirá: “Examinando cuidadosamente os relatos da infância presentes nos Evangelhos e analisando o que conhecemos sobre a Palestina – e sobre a Galileia em particular – durante o século I, podemos traçar um esboço das origens educacionais de Jesus” em, *Un Judío Marginal: nueva visión del Jesús histórico*, Vol I. Estella: Verbo Divino, 1998, p. 219.

Afirmo que não é possível desconhecer os resultados da psicologia com relação às dinâmicas inconscientes que podem condicionar a relação com o pai e a mãe, porém, ao mesmo tempo, estou apontando que, a partir da perspectiva do relato da Escritura, é possível viver esta relação buscando a liberdade e a autonomia subjetiva.

Entremos um pouco no relato do episódio da perda de Jesus no caminho de volta a Nazaré, a busca por parte de seus pais que o encontram no templo, conversando com os doutores da lei:

Lc 2, 41-52

41. Seus pais iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa
42. Quando o menino completou doze anos, segundo o costume, subiram para a festa.
43. Terminado os dias, eles voltaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem.
44. Pensando que estivesse na caravana, andaram o caminho de um dia, e puseram-se a procurá-lo entre os parentes e conhecidos.
45. E não o encontrando, voltaram a Jerusalém à sua procura.
46. Três dias depois, eles o encontraram no Templo, sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e interrogando-os;
47. e todos os que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas.
48. Ao vê-lo, ficaram surpresos, e sua mãe lhe disse: “Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos”.
49. Ele respondeu: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?”
50. Eles, porém, não compreenderam a palavra que ele lhes dissera.
51. Desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração.
52. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens.

Podemos considerar vários elementos no relato: o menino decide permanecer sem que seus pais o advertissem. Eles o buscam na caravana entre os parentes e conhecidos, e não o encontrando, retornam. Encontram-no em meio aos doutores, escutando e perguntando; a mãe reclama e o menino responde com uma argumentação adulta, a qual resulta estranha para sua mãe, de modo que ela e seu esposo não compreenderam o que lhes disse (v. 50).

O que Lucas está destacando é a transgressão da norma parental pelo menino de ir com eles e junto a eles. Trata-se de um menino que toma a iniciativa de ir ao templo sem contar com a autorização de seus pais (v. 43). Evidentemente que não podemos historizar este relato tampouco moralizá-lo, pensando em um desobediente ou malcriado, mas sim pode-



mos intuir o que se quer destacar sobre Jesus: sua liberdade para superar as relações de sujeição de filhos a pais e sua incondicional dedicação às “coisas de seu Pai” (cf. JEREMIAS, 1993).

O casal não tem os filhos para que repitam seus esquemas e vivam dependentes dele senão para que sejam capazes de “crescer em sabedoria”, ou seja, aprender o saber do bem viver, assumindo sua liberdade à medida que se cresce (v. 52). A perspectiva do evangelho nos orienta à superação das dependências e a clara vinculação de Jesus, desde criança, a Deus ao qual chama de Pai e seu Pai (cf. GRELOT, 1999). Daí que Jesus deve se ocupar do que tem a ver com o Pai (v. 49). Apresenta-se um Jesus orientado à busca de relação com seu Pai desde a adolescência. Jesus viveu esta contínua referência a Deus Pai. E a referência de Jesus ao Pai e sua relação com Ele, se oferece como uma relação de liberdade frente ao mesmo, de cujas coisas deve se ocupar (cf. SOBRINO, 1991, p. 179-196).

Não é fácil para os pais deixar que os filhos assumam sua liberdade e comecem a atuar por si mesmos e por si mesmas. É o que podemos interpretar o que se sublinha na preocupação dos pais por não saber aonde foi o filho e não o encontraram entre os familiares e companheiros de caravana (v. 44). Toda a tradição neotestamentária nos apresenta a relação de Jesus com o Pai como uma relação de liberdade do Filho frente ao Pai. O Pai que deixa Jesus se assumir, que não condiciona seu caminhar. E ele pode igualmente interpretar-se neste relato. A relação de filiação não implica sujeição senão intercomunicação.

A sabedoria na qual Jesus cresce está relacionada à sua interpretação das Escrituras, a seu interrogar-se, responder e dialogar de igual para igual com os doutores da lei (v. 46). Tudo o que não compreenderam de Jesus durante seu peregrinar por este mundo vai sendo diáfano para a comunidade lucana e para o evangelista. A partir de sua adolescência Jesus conhecia as Escrituras e se colocava em acordo com os que se supunham tinham o saber sobre Deus e suas leis.

À luz da ressurreição a interpretação evangélica identifica retrospectivamente em Jesus o que possivelmente não intuíram ou supuseram no adolescente da história. Indicam desse modo que Jesus adolescente, não só conhece a lei, senão que igualmente dá resposta aos interrogantes que se colocam acerca da mesma, é por isso que se afirma dele que vai crescendo em sabedoria (v. 47). A sabedoria está referida à lei<sup>10</sup> não como repetição da mesma senão como capacidade de responder às interrogações que se podem propor a partir dela. Mais adiante os evangelhos darão a Jesus o

---

<sup>10</sup> A Sabedoria é "uma emanção da glória do Onipotente... um reflexo da luz eterna... uma imagem de sua bondade", Sb 7, 25-26.

título de Rabi, Mestre<sup>11</sup>, em questões relativas a uma lei a que ele veio dar cumprimento, porém, ao mesmo tempo, superá-la porque foi dito que agora será Ele quem a pronunciará (cf. Mt 5, 21-48).

As testemunhas do episódio se maravilham como igualmente se maravilharam quando curava os enfermos, tocava os leprosos (cf. Mt 8,1-3), agiu com liberdade diante de grupos sociais e religiosos e se maravilhou com o centurião no episódio da cruz a exclamar: “Verdadeiramente este é o filho de Deus”! (Mt 27,54 ). O atuar original de Jesus em seu tempo é visto, assim, a partir dos relatos da infância, como uma realidade que atravessa toda a sua vida. Maravilhosa é a ação de Deus na sugestiva originalidade de Jesus e não tanto pelas ações espetaculares ou majestosas. No adolescente que maravilha tanto o auditório como aos doutores, Deus se manifestou na história, epifania da ação do mesmo que se mantém em sintonia com a intenção dos evangelistas para anunciar a boa nova de que Deus está atuando no Mestre Galileu.

Os pais são convidados a se maravilhar pelo que está acontecendo em seu filho com relação a Deus. José e Maria se apresentam no relato como aqueles que contemplam o que acontece mais além do que podia ser considerado a falta de informação ao se perder da caravana. Maria reclama. É a mínima observação que pode fazer uma mãe diante da perda de seu filho. Mas, ao mesmo tempo, não compreende o que está acontecendo com ele. Nem ela nem José compreendem que o interpretar a lei e a capacidade de entrar em franca discussão com os doutores da lei fazem parte da personalidade adulta que os autores da escritura neotestamentária querem apresentar de Jesus.

### ***3 Lugar de desenvolvimento da confiança***

Em um tempo no qual se relativizam tantos valores que suportaram e suportam a família nuclear e tradicional e a todas as formas de família contemporânea, não só para nossa tradição católica mas também para as famílias em geral, não deixa de ser demasiado sugestivo rastrear o sentido maior da confiança como elemento gerador de estabilidade e fidelidade. Sejam quais forem nossas concepções, é evidente que uma família estável é um lugar de realização humana mais sã que muitas formas de família que hoje são, não somente toleradas, mas são possibilidades de configuração

---

<sup>11</sup> Martin Hengel destaca que "não se pode resolver se já nos tempos de Jesus prevaleceu o matiz semântico de 'mestre'", em *Nachfolge und Carisma*, Berlin, Waulter de Gruyter & Co, 1968, trad. do espanhol de Jose Antonio Jauregui, *Seguimiento y Carisma: la radicalidad de la llamada de Jesús*. Santander: Sal Terrae, 1981, p. 65-76.

e legalidade jurídica. Como adverti ao iniciar esta reflexão, não vou me situar num juízo acerca da bondade ou não destas alternativas, quero me remeter e identificar dimensões do sentido teológico do casal e da família independentemente de suas modalidades.

A família é o lugar onde se é chamado e chamada a viver na confiança. Esse chamado se traça para o crente na experiência que nos relatam as sagradas escrituras. Israel desenvolve uma progressiva confiança em Yahweh fundamentada na fidelidade do Deus da Aliança para com seu povo e na fidelidade a Ele. É a segurança de ter a Yahweh como seu Deus que provoca em Israel a confiança nesse Deus da promessa e da Aliança. Confiar é fiar-se àquele ou àquela em quem se confia e as dificuldades e logros que passa o povo ao longo da história. Se o povo é fiel, Yahweh é muito mais, é Deus que se mantém em fidelidade, independentemente das infidelidades de seu povo. Não é um Deus traiçoeiro mas fiel.

Esta experiência de confiança é a que encontramos expressa no relato de José e sua experiência de estar casado com uma mulher que agora está grávida. Façamos considerações mais próximas ao relato tal qual nos oferece o evangelista Mateus no capítulo 1, versículos 18-25:

18. A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo.

19. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo.

20. Enquanto assim decidia, eis que o anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo.

21. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados.

22. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito ao profeta: 23. Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: “Deus está conosco”.

24. José, ao despertar do sono, agiu conforme o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu em casa sua mulher.

25. Mas não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho. E ele o chamou com o nome de Jesus.

No contexto do nascimento de Jesus Cristo, que se relata, nos é apresentado José como o homem justo que por ser assim não repudia Maria mas confia nela sem entender<sup>12</sup>. A confiança, desse modo, excede os níveis da racionalidade e da explicação de todas as realidades para se constituir em um ato de entrega que não desconhece a realidade, por isso decide

---

<sup>12</sup> Com relação à historicidade e aos problemas relativos às fontes nestes relatos é sugestivo o estudo de John Meier, op. cit. p. 222-323. Neste se expressa que a crítica histórica “é uma boa ferramenta desde que não esperemos demasiado dela” (p. 236).



repudiá-la em segredo (v. 19), no entanto, confia, ação que está fundada em sua fé em Deus e na vida de Maria. É a intervenção do Anjo (v. 20), mensageiro de Yahweh o que faz José compreender o impossível e aumente sua confiança em Maria. Esta capacidade de se fiar no outro, a partir da ação de Deus, é a chave de uma vida de família que realize a harmonia apesar das contradições e das realidades da existência que nem sempre têm uma explicação a partir da razão ou da norma.

A confiança incondicional não é uma aceitação irracional do inevitável. O casal como realidade humana é o lugar no qual se realiza a gratuita confiança. Vai além das explicações ou das causalidades, das normas e das estritas observações dos códigos previamente estabelecidos, para se realizar em um fiar-se que pode exceder o explicável porque o que está acontecendo em seu interior é ação do Espírito Santo. Esta confiança, esse fiar-se apesar do aparentemente inexplicável pode ser base de consolidação da unidade do casal à maneira do amor de Cristo pela sua Igreja. Ele realizou uma entrega sem condições a uma humanidade que assassinou o pregador galileu, o qual se entregou em confiança total em Deus Pai (Lc 23,45), sem que isso implicasse em eludir à pergunta do porquê de seu abandono (Mt 27,46)<sup>13</sup>.

Confiar é uma aceitação da oferta que me vem daquele ou daquela em quem decidi me fiar, superando os condicionamentos das normas como a que pedia a José repudiar a Maria, superando as explicações que impedem que Yahweh continue sendo fiel a um povo inclinado a trair a fé nele e submergir na idolatria (Jz 2,13). Confiar é estar esperando o regresso daquele a quem se ama e ir andando na segurança de ser suportados, estimulados e animados, porque o que acontece é ação do Espírito em nós.

O que acontece na relação interna do casal e na família pode ser impulsionado, fortalecido e suportado por esse fogo do Espírito que gera confiança e consolida fortalezas, que pede não temer e seguir andando na confiança<sup>14</sup>. O casal pode viver vicissitudes às vezes incompreensíveis e outras vezes inesperadas, perplexidades que podem borderar a transgressão o ideal do que se deve ser, porém aí está o Espírito apontando a possibilidade de fiar-se, de seguir confiando e seguir andando. Uma presença da ação do Espírito no casal e na família é necessária e a consciência desta presença poderá facilitar a vivência de uma harmonia maior na medida em que a confiança mútua se constrói por esta mesma ação do Espírito de fazer novas todas as coisas (Ap 21,5).

---

<sup>13</sup> Cf. BOVON, François. *Los últimos días de Jesús: textos y acontecimientos*. Santander: Sal Terrae, 2007. Analisa e interpreta os últimos dias de Jesus, sua crucificação, as palavras colocadas pelos Evangelistas em seus lábios e alguns dados relativos ao modo como se morria crucificado.

<sup>14</sup> “O espírito de amor que reina em uma família guia tanto a mãe quanto o filho em seus diálogos, onde se ensina e se aprende, se corrige e se valoriza o que é bom; assim também ocorre na homilia” (*Evangelii Gaudium*, 139).

O casal e a família, animados pela força do Espírito, podem ir se consolidando como a possibilidade de construir, renovando-se porque este foi enviado para libertá-los de tudo o que hoje se consolida como provocador de cegueira para não ver e de surdez para não ouvir. As vozes do Espírito são as que orientam o desafio de constituir-se progressivamente o lugar do amor que Cristo tem por sua Igreja, em tecido de relações que convocam à fidelidade e à constância. Crescendo na vivência da presença do Espírito, a família cresce em autenticidade e se consolida a partir do fogo do amor que provoca comunhão apesar das fragilidades e limites.

O que foi engendrado em Maria é obra do Espírito Santo (v. 20). O ser de Maria é assumido pelo Espírito para que dê à luz um Filho que será a salvação do povo, de seu pecado. O nome mesmo do filho que virá é Emmanuel, que quer dizer Deus conosco. A ação do Espírito em Maria nos traz a Deus, introduz na história o Filho Eterno do Pai. Dinâmica de comunhão trinitária, expressão do amor de um Deus que se revela na história como comunhão dos divinos três em uma pericorese singular.

Ao despertar do sono José não hesita em receber a sua mulher porque o que aconteceu nela é obra do Espírito. O Espírito permite um despertar do sono para se encontrar com a presença da salvação do pecado. Tudo o que escravizou a humanidade vem a ser salvador pela vida que surgirá do seio de Maria. Por isso, esta vida que é parte da sua será para ela possibilidade de experimentar a espada que atravessará sua alma porque será sinal de contradição para muitos de Israel (Lc 2, 34-35).

#### ***4 Na relação de soberana liberdade***

A soberana liberdade, que manifestam os relatos evangélicos com relação a Jesus, perfila esta última como a qualidade por excelência de sua personalidade. Livre absolutamente livre frente a seus pais, a seus irmãos<sup>15</sup>, a todas as instâncias e em todas as relações. A preocupação da família com o que é a atividade do Jesus adulto está centrada em que possa ser não só atacado e vilipendiado, questionado ou perseguido, mas que inclusive o considere louco, como alguém fora de si (cf. Mc 3, 31-35):

31. Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo.

---

<sup>15</sup> Sem entrar em discussões tradicionais sobre os “irmãos de Jesus” como irmãos de sangue ou como familiares considerados “irmãos” conforme costume da época. A respeito do assunto é de interesse o estudo que faz John P. Meier, op. cit., p. 327-340. Da mesma forma são as conclusões que nos apresentam Rafael Aguirre, Carmen Bernabé y Carlos Gil em *Qué se sabe de... Jesús de Nazaret*. Estella: Verbo Divino, 2009, p. 53-55.

32. Havia uma multidão sentada em torno dele. Disseram-lhe: “Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram”.
33. Ele perguntou: “Quem é minha mãe e meus irmãos?”
34. E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: “Eis a minha mãe e os meus irmãos.
35. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe”.

Marcos destaca que chegaram a mãe e os irmãos de Jesus (v. 31). Ele está dentro da casa com muita gente, porém eles permanecem fora. Não entram para interromper a atividade de Jesus, senão que permanecem à espera da chamada de atenção por parte de alguém a quem enviam para chamá-lo. A família respeita o momento no qual está no exercício de sua missão, dado que Jesus está rodeado de muita gente sentada à sua volta (v. 34). Neste contexto lhe chamam a atenção sobre a presença de sua família (v. 32). A resposta não parece em consonância com o fato de ser buscado. Evidentemente que se trata de uma interpretação do evangelista à luz da ressurreição.

O vínculo de família é como o vínculo que se estabelece quando na fé se procura realizar a vontade de Deus. Vista na perspectiva do que Jesus vem pregando e evitando situar a resposta como uma falta de respeito por parte de Jesus ou um não ter em conta o valor da presença de sua família, o relato nos situa na perspectiva da relação com o Pai e no cumprimento de sua vontade. O vínculo de família se reorienta em direção à busca da vontade de Deus Pai que não é outra coisa que a implantação do Reino. Ser família de Jesus, compartilhar seu sangue é funcional à instauração de comportamentos que expressem a vivência da vontade do Pai.

Afasto-me da possibilidade de interpretar o relato em função de uma resposta pouco gratificante por parte do filho Jesus para situá-la na perspectiva mais ampla da vinculação da relação de família, de maternidade e irmandade à ação de Deus nas pessoas que se disponham e decidam lhe seguir<sup>16</sup>, porque é lhe seguindo que se busca a vontade do Pai e portanto se faz parte da família de Jesus, sua mãe, seu irmão (v. 35). Aqui o assunto não é de tipo moral no que se refere ao respeito ou falta de respeito de um filho com relação a sua mãe, ou o que seria mais funesto, o desprezo do filho por sua mamãe. Longe da intenção do autor sagrado, a meu entender, este tipo de elucubrações. Se é claro que a intencionalidade de Jesus é mostrar a radicalidade da experiência de quem decidiu buscar e encontrar, no processo de fazer verdade a intenção de Deus para com sua vida, a descoberta de sua vontade e o fazer práxis essa descoberta: “os que fazem a vontade de Deus” (v. 35).

---

<sup>16</sup> Sobre o assunto minha tese doutoral “*El seguimiento de Jesús, epistemología y práctica*”, Louvain-la-Neuve, 1983. Entre as análises bíblicas com relação ao seguimento de Jesus destaco o de Martin Hengel, *Seguimiento y Carisma. La radicalidad de la llamada al seguimiento de Jesús*, citado anteriormente.

A família se constitui, a partir da perspectiva evangélica, em lugar da realização humana em liberdade. Liberdade dos pais e dos irmãos que podem estar atentos à vida de um dos membros da família, porém da mesma maneira liberdade desse membro para reorientar a relação a uma não dependência e a uma referência direta a Deus<sup>17</sup>. As diversas maneiras de sujeição que podem se desenvolver, no interior da vida familiar, se relativizam e se abrem à experiência da libertação de toda dependência opressora.

Não é novidade reconhecer que uma das qualidades mais claras que os evangelistas destacam com relação à personalidade que de Jesus desenham nos evangelhos é a soberana liberdade (cf. VERGOTE, 1981, p. 115-140). Soberana liberdade que se expressa não só com relação à família mas igualmente ante os grupos sociais e religiosos de seu tempo: fariseus, saduceus, escribas e mestres da lei; do mesmo modo ante as autoridades políticas como Herodes (cf. Lc 13,32) acerca de quem não mostra o menor temor, diante do sinédrio e dos sacerdotes que o interrogam para condená-lo (cf. DUQUOC, 2010, p. 49-100). Livre, soberanamente livre como foi Jesus, à luz dos relatos das Escrituras, só podia ser um homem no qual a humanidade estava sendo transbordada para destacar a divindade que estava se revelando através dessa humanidade<sup>18</sup>.

Se a família é o lugar primeiro a partir do qual seguimos a Jesus, ela se constitui em escola de aprendizagem para uma experiência de libertação das situações do sujeito e de seus compromissos com a transformação da sociedade nas diversas práticas que conduzam a fazer presente o Reino anunciado por Jesus Cristo, desde já. O espaço primeiro de iniciação da experiência humana, sejam quais forem as características desta, é a experiência familiar. E serão, precisamente, as condições que possibilitem ou impossibilitem a vivência da liberdade, que destacarão a experiência ou não de uma existência familiar que expresse a comunhão que é o Deus revelado por Cristo, o Senhor.

À luz deste texto não se podem justificar rejeições à família de sangue em aras da nova relação familiar que possa se estabelecer ao seguir a Jesus. Os textos que falam em deixar irmãos, irmãs, pai, mãe (Mt 19,19; Mc 10, 29-30; Lc 18, 29-30) se orientam de preferência à radicalidade do chamado ao seguimento e à liberdade com a qual se realiza o mesmo. Jesus, no dizer

<sup>17</sup> Sugestiva é a afirmação de Christian Duquoc: “Jesus não faz alusão à Aliança, como se observou anteriormente; em troca, sublinha com força o vínculo de filiação que a introdução massiva da invocação a Deus como seu Pai e como Pai de todos os homens sustenta. O deslocamento de interesse é aqui evidente e é difícil que careça de consequências” em *Unico Cristo, La sinfonia diferida*. Santander: Sal Terrae, 2002, p. 70.

<sup>18</sup> Uma humanidade singularmente salvadora. Cf. URÍBARRI, Gabino. *La singular humanidad de Jesu Cristo, el tema mayor de la cristología contemporánea*. San Pablo: Madrid, 2008, p. 396 ss. Do mesmo modo em Duquoc, *Jesús hombre libre*, p. 27-40.

de Dunn, “deu muita prioridade ao mandamento de honrar os próprios pais (Mc 7, 9-13; Mt 15, 3-6)” (DUNN, 2009, p. 678-679). São dois elementos complementares: quem segue Jesus passa a formar como uma família de seguidores, porém deve igualmente seguir o vínculo e o amor à própria família na liberdade dos que deixando tudo se decidiram a ir atrás dele. “A consequência, por poderosa que seja a imagem do discipulado como uma nova família, não deve ser forçada para criar um contraste demasiado marcado com a responsabilidade a respeito da família por laços de sangue” (DUNN, 2009, p. 679).

## 5 *Expressão da comunhão trinitária*

Os relatos interpretados nesta reflexão nos orientam em direção à consideração da família como imagem da comunhão trinitária que é o Deus revelado em Cristo. A confissão de fé em um Deus comum unidade de três pessoas na diversidade é a afirmação de uma realidade: Deus é muito mais do que tudo o que podemos raciocinar, pensar ou imaginar acerca dele, excede a compreensão da racionalidade e nos situa no mistério como a aceitação do inefável que nos foi dado na revelação<sup>19</sup>.

Assim, o assunto com Deus sempre será de entrega da racionalidade a partir de uma experiência que situa o sujeito diante do sagrado como proximidade e transcendência (cf. OTTO, 1965). Não se trata, portanto, de um mistério como o irracional ou o inexplicável, o abstruso ou o inimaginável senão que a gozosa acolhida de uma resposta de maiores sentidos que os aparentes e de uma plenitude da realidade que realiza a unidade na diversidade em uma transgressão de todas as imagens de Deus que o situam como único absoluto (cf. BOFF, 1987)<sup>20</sup>.

A família foi apontada como uma das realidades que expressam algo do que Deus é como comunhão e ao mesmo tempo, a comunhão trinitária é o paradigma que orienta a vida familiar<sup>21</sup>. A diversidade de pai, mãe, filhos e filhas, sejam quais forem as modalidades da família ou os avatares de sua estabilidade ou dispersão é a realização da unidade na diversidade à imagem do Deus trindade<sup>22</sup>. Neste contexto compreendemos o chamado

<sup>19</sup> Desenvolvo da mesma forma estes pensamentos em minha obra *Dios, presencia inquietante*, pp. 27-32.

<sup>20</sup> Leonardo Boff insistiu que a Trindade é a melhor comunidade em seu livro *La trinidad, la sociedad y la liberación*, Madrid, Paulinas, 1987; da mesma maneira Christian Duquoc insiste nesta necessidade de “deixar Deus em liberdade”, em *Dios diferente*, p. 101-117.

<sup>21</sup> *Lumen Gentium* 6 expressa como a imagem da família e do matrimônio se encontram esboçados nos livros dos profetas.

<sup>22</sup> “A Igreja testemunha na história o que proclama em sua fé: a vida de Deus é comunhão baseada e expressa em determinadas 'diferenças' irredutíveis a uma unidade superior”. Cf. DUQUOC, Christian. *Dios diferente*. Salamanca: Sígueme, 1982, p. 100.



do Papa Francisco em continuar a reflexão acerca dos novos fenômenos que afetam a família contemporânea e as possíveis interpretações dessas mesmas situações a partir de uma perspectiva de misericórdia e compaixão, diante do que pode acontecer quando a diversidade é fator de desagregação, competição ou violência e quando as diversas orientações das pessoas, das quais elas não são responsáveis, conduzem a experiências de família que saem dos marcos próprios dos ideais de uma família nuclear<sup>23</sup>.

O mais importante estará em manter o fundamental: a unidade na comunhão, ainda que possa se dar em situações cultural ou socialmente não aceitáveis, porém na misericórdia do Deus comunhão, que unifica o universo na pericorese das pessoas divinas podem ser valorizadas de maneira distinta sem que isso implique necessariamente o contemporizar com ideologias relativistas ou partidárias do pensamento livre. Isto abre possibilidades do entendimento e sobretudo o coração para propiciar uma compreensão e uma busca de viver a ação de Deus no interior das experiências de famílias disfuncionais<sup>24</sup> na serena segurança de estar habitados por um mesmo Espírito que orienta para o Pai fazendo de Jesus o caminho que é a verdade e a vida (cf. Jo 14, 6).

A possibilidade de compreender a partir da boa nova do Evangelho, que a misericórdia e o amor libertador do Deus revelado por Jesus de Nazaré são maiores que as normas ou leis, não implica, não tem por quê implicar uma negação dos ideais de família que se projetam a partir do lar de Nazaré. José e Maria, à luz dos relatos da infância, são o paradigma da confiança e da entrega incondicional na fidelidade e na indissolubilidade da união dos esposos. José, Maria e Jesus são o paradigma da família ideal assim como a relação com o resto dos assim chamados irmãos e irmãs de Jesus são paradigma da relação da família ampliada na comunhão com primos, sobrinhos, tios e demais integrantes de qualquer família. Compreender outros fenômenos ou realidades, que podem chegar a ser vividas na dor e na tristeza, porém impossíveis de superar por nossa condição de humanidade pecadora e frágil, não implica alterar na mínima medida estes paradigmas que são boa nova para a humanidade<sup>25</sup>.

Do mesmo modo os relatos evangélicos que refletimos clarificam a liberdade com a qual se vivem as relações de família e sua condição de lugar onde

---

<sup>23</sup> O Papa Francisco convocou a III Assembleia Geral extraordinária do Sínodo dos Bispos em 8 de outubro de 2013 e teve sua primeira sessão de 5 a 19 de outubro de 2014. A catequese de 28 de janeiro de 2015 tratou dos riscos de algumas famílias sem pai. É a continuidade de várias catequeses sobre a família. Cf. <Zenit.org>, Cidade do Vaticano. Acesso em 28 de Janeiro de 2015.

<sup>24</sup> Quando falo de famílias disfuncionais, não estou dando um qualificativo negativo ou pejorativo, mas apontando para o fato de famílias que não vivem a funcionalidade de suas relações ao modo da família nuclear tradicional.

<sup>25</sup> Alguns desses aspectos discutidos na primeira sessão do passado Sínodo sobre a família e parte do questionário enviado a todas as igrejas como preparação ao mesmo.

se vai chegando à idade adulta para assumir a vida na sabedoria, a qual se perfila como um saber viver orientados pela Boa Notícia do Reino. Como os sábios do relato da Epifania, a sabedoria está em deixar-se orientar pela estrela de maneira que cheguemos ao lar de Nazaré, contemplar a frágil criança na qual Deus se fez humano e voltar por outro caminho à luta da vida uma vez que o encontramos, descoberto e adorado (Mt 2, 1-12). "A família, 'patrimônio da humanidade', constitui um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos. Ela foi e é escola da fé, lugar de valores humanos e cívicos, lar no qual a vida humana nasce e se acolhe generosa e responsabilmente" (BENTO XVI, 2007).

"Deus é amor e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele", nos diz a primeira carta de João (1Jo 4, 16). Este Deus amor, comunhão trinitária, é o sentido maior da família e das relações que se tecem em seu interior. A paternidade de Deus como misericórdia sem limites e a filiação do Filho como relação de intimidade, unidas ao amor que espira a relação Pai Filho no Espírito Santo, são paradigmas do que se consolida como desafio à família contemporânea. Crescer na capacidade de misericórdia, de compaixão de pais às mães e das mães aos pais, dos filhos aos seus pais e dos pais aos seus filhos. Crescer na busca do diálogo na intimidade, que hoje mais do que nunca, com a introdução de novas tecnologias que submergem no individualismo e cancelam a comunicação personalizada e livre, é um desafio maior às famílias que a partir de sua fé buscam viver a fecundidade do matrimônio no respeito às próprias vidas e às vidas de quem as conformam (GS 50-51).

Definitivamente, crescer no amor, ser sinal de comunhão na diversidade e de íntima vinculação ao Pai pelo Filho no Espírito fará da família humana criada à imagem de Deus criadora de relações, geradora de vida e lugar de realização da fidelidade e da permanência como ideais para os quais tende o amor, de maneira que "segundo a Cristo, princípio de vida, nos gozos e sacrifícios de sua vocação, por seu amor fiel, sejam testemunhas daquele mistério de amor que o Senhor revelou ao mundo com sua morte e ressurreição" (GS 52).

## **Referências**

### **Autores**

JEREMIAS, Joachim. *Abba y el mensaje central del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1983.

GRELOT, Pierre. *Dieu, Le Père de Jésus Christ*, Paris, Desclée, 1984, tradução de Luis H. Rivas, *Dios, el Padre de Jesucristo*, Buenos Aires, Paulinas, 1999.

SOBRINO, Jon. *Jesucristo Liberador, Lectura histórico – teológica de Jesús de Nazaret*. Madrid: Trotta, 1991.

PIO XII, Papa. *Divino Afflante Spiritu*, 1965.

WILFRIED, Raul; SINGLY, François de (Org.). *Sociologie de la famille contemporaine*. Armand Colin, Paris, 2007, 128 pages, *Travail, genre et sociétés*, 1/2010 (no. 23), p. 240-243.

VERGOTE, Antoine. *Jésus Christ, Fils de Dieu*, Facultés Universitaires Saint-Louis. Bruxelles: Volume 18 de Publicações das Facultés Universitaires Saint-Louis: Bruxelles. 1981.

\_\_\_\_\_. *Jésus de Nazareth sous le regard de la psychologie religieuse en Jésus Christ, Fils de Dieu*. Faculté Saint Louis: Bruxelles, 1981, p. 115-140; como também sua obra, *Humanité de l'homme, divinité de Dieu*. Paris: Du Cerf, 2007. Do mesmo modo Christian Duquoc ressalta esta liberdade e em sua obra, *Jesús, hombre libre, esbozo de una cristología*. Salamanca: Sígueme, 2005.

DUQUOC, Christian. *Jesús hombre libre*. Em relação aos movimentos da época Günter Biorn kamm, *Jesus de Nazaret*. Salamanca: Sígueme, 1977. p. 40-46; MIGUEL, Esther; PERICÁS, Rafael. El contexto histórico y socio cultural. In: AGUIRRE (Org.). *Así empezó el cristianismo*. Estella: Verbo Divino, 2010, p. 49-100.

DUQUOC, Christian. *Dios diferente: ensayo sobre la simbolico trinitaria*. Salamanca: Sígueme 1978. (Verdad y Imagen 56).

DUNN, James D.G. *Jesús recordado*. El cristianismo en sus comienzos, Tomo I, trad. Serafin Fernandez Martinez. Estella: Verbo Divino, 2009.

OTTO, Rudolph. *Lo Santo, lo racional y lo irracional en la idea de Dios*. Madrid, Revista de Occidente, 1965.

BOFF, Leonardo. *La trinidad, la sociedad y la liberación*. Madrid: Paulinas, 1987.

## Magistério da Igreja

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 1965.

PIO XII, Papa. Encíclica *Divino Afflante Spiritu*, 1965.

BENTO XVI, Papa. Discurso inaugural da Conferência de Aparecida, 13 de maio de 2007.

**Ignacio Antonio Madera Vargas**, SDS. Colombiano, Religioso presbítero da Sociedade do Divino Salvador (Salvatorianos). Licenciado em Filosofia e Letras pela Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá (Colômbia), Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá (Colômbia), Especialista em Ciências Familiares e Sexologia pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica), Doutor em Teologia e Ciências da Religião pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica) com a tese "O Seguimento de Jesus: epistemologia e prática", professor e diretor da pós-graduação na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá (Colômbia).

**Endereço:** Diagonal 40 Sur No. 9B85  
Barrio Puerto Rico  
Bogotá, DC (Colômbia)  
Fone: 57-1-3662469 Celular: 57-3134239971.  
imadera@javeriana.edu.co